

522-063 Os primeiros 50 anos passaram voando

Paulo Freire

Secretário defende uma nova escola pública

Que seja menos elitista, menos autoritária e menos discriminatória, para fazer reduzir as evasões

A escola pública é elitista, autoritária e não desenvolve os meninos e meninos "proletários", afirmou o secretário Municipal de Educação de São Paulo, Paulo Freire, que veio a Belo Horizonte para participar de uma reunião de trabalho da UTE - Sindicato dos Trabalhadores do Ensino.

Com uma leitura sob os olhos de alguns da chamada "escola da elite", ele classificou a situação de "uma situação de elitismo", onde o ensino é baseado na transmissão de conteúdos de 7 anos de idade para os 17 anos de idade. "Elas foram proibidas de entrar por serem mestras do povo e a escola pública brasileira tem características elitistas".

Por outro lado, ele enfatizou a necessidade de fazer uma leitura não oficial do ensino de alunos das escolas públicas de primeiro grau. Na sua opinião, a principal evasão já é a "desistência", pois dá a utilização de recursos de que os pais optam por sair da escola, quando na realidade não têm condições. Sua tese é baseada no número de escolas reprovadas da primeira série para a segunda série. Segundo ele, não se aprende a ler e escrever. Segundo ele, a realidade de um verdadeiro educador que ingressa na profissão não é a escola pública, mas sim a 3ª série.

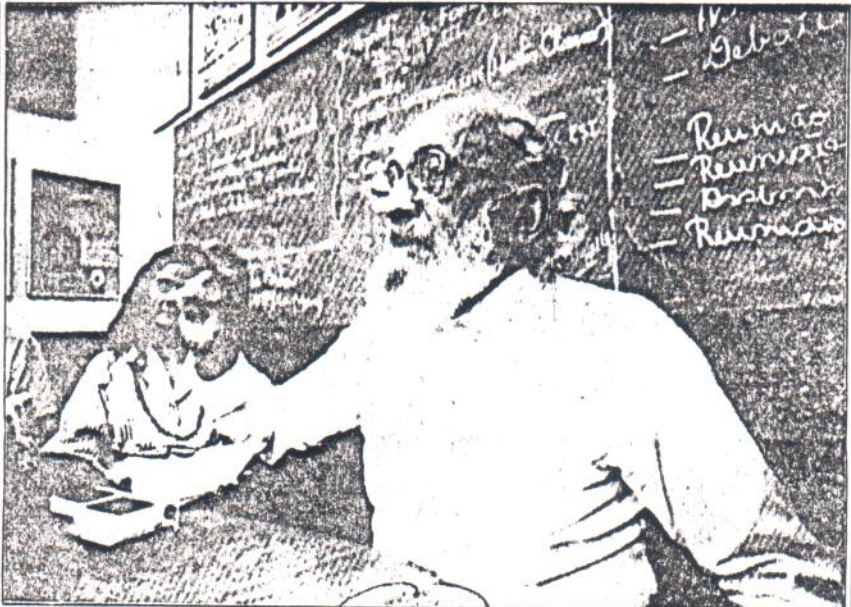
Entretanto, Paulo Freire defendeu a ideia de educadores "trabalhando" no ensino. "Que um educador tradicional durma em paz, mas eu não durmo em paz com esta situação de elitismo", afirmou.

Na sua opinião, não basta ter um diploma de ensino médio para trabalhar em uma escola pública. É preciso fazer da escola um espaço de transformação. Segundo ele, a escola deve ser um espaço de transformação, onde o aluno não é "nascido", com o oportuno de boa alimentação, lazer, férias, e os proletários, da faixa mais carente da população.

ção da comunidade extra e intra-muros, buscar medidas para sanar o déficit da qualidade de ensino e quantidade de vagas. "As duas questões estão intrinsecamente ligadas. Se aumenta o número de vagas gera uma demanda de melhor qualidade e vice-versa". Entretanto, observa que é necessário escolher as estratégias para ganhar esta "briga", porque a escola brasileira é um reflexo do pensamento dos homens que estão no comando do País: "uma sociedade elitista e antidemocrática".

Por outro lado, o secretário de Educação de São Paulo afirmou que todos os esforços estão sendo feitos para mudar o panorama da educação municipal na maior metrópole da América Latina. Mas frisou que estas não são mecânicas e demandam muito tempo. "Cuba fez uma revolução e ainda hoje está tentando implantar a escola popular. Em São Paulo estamos humildemente pretendendo dar uma resposta ao autoritarismo e elitismo da escola pública".

Somente na capital paulista, são 675 escolas para cerca de 800 mil alunos na rede pública municipal. Um dos objetivos principais da equipe de Educação da prefeita Luiza Erundina é mudar a cara da escola "e transformá-la num espaço alegre, maduro, mas que não envelheça". Bem humorado, Paulo Freire brincou: "queremos uma escola que seja tão menina e tão menino como eu sou aos 67 anos, ainda faço mais que muitos jovens de 25. Só não sou dez andares de escada". Seu maior sonho é ver uma escola pública séria, não sendo chata. Rigorosa sem ser inflexível, onde caiba tanto o aluno bem "nascido", com o oportuno de boa alimentação, lazer, férias, e os proletários, da faixa mais carente da população.



PAULO FREIRE

“Que o educador tradicional durma em paz, eu aceito. Mas o progressista calado, não”

Brasil passa pelo período da democracia da sem-vergonhice

Paulo Freire defende a ideia de que a escola pública deve ser um espaço de transformação, onde o aluno não é "nascido", com o oportuno de boa alimentação, lazer, férias, e os proletários, da faixa mais carente da população.

é estatamento o contrário do que se diz". Para Paulo Freire é preciso mudar este comportamento. "Se o homem público, disse que neste copo está cheio de água, ele não pode ter café", exemplifica. Entretanto, não leva os homens do comando político do País da parcela de culpa no processo. "Há poucos dias fui chamado a visitar uma escola na periferia de São Paulo, onde desde setembro de 88 existe uma placa de inauguração. Só que lá não tem água, luz, mural, nada. Só a placa. Lá quando inauguramos a escola vamos colocar outra placa, com a data e a placa ao lado da primeira". E explicou: "na administração da Erundina, podem ser certas, não haverá uma inauguração neste estilo".

Por outro lado, acredita que os brasileiros ainda podem ter esperanças no País. No entanto, tem que lutar para transformar a esperança em realidade. Na sua fala, um crédito aos jovens de 16 anos, que votam pela primeira vez este ano, na pleite para presidente da República. "Eles podem não votar errado, mas vão aprender". Comentado por um repórter: "votar no Comendado por um repórter se votar no Colar, por exemplo, estaria entre os erros". Ele respondeu rapidamente, claro, com um sorriso divertido.

Índio tem o ensino pela rede oficial

A Fundação Nacional de Índio e a Secretaria de Estado da Educação, estão desenvolvendo nas comunidades indígenas um projeto que visa integrar o processo educacional desenvolvido nas aldeias ao sistema oficial de ensino de MG. Segundo o superintendente executivo do 3º região da Fundação Lauri Campos Rodrigues, os indígenas mantêm escolas nas aldeias indígenas para a alfabetização de primeira a quarta série, mas este curso não é reconhecido pela legislação estadual, o que torna o diploma do índio um instrumento de pouco valor.

O secretário adjunto da Educação, Carlos Motta, afirmou que essa é uma reivindicação totalmente justa, acabando com um problema que dificulta a integração da cultura primitiva com a sociedade mineira alfabetizada. "A Secretaria da Educação", disse, "certamente vai aceitar este desafio".

A superintendente da SEE, Zélia Andrade Paiva, informou que será implantado um programa global, visando regularizar as matérias ensinadas nos índios. O projeto, segundo ela, será submetido ao Conselho Estadual de Educação, com competência para aprovar o nascimento das escolas, que já existem de fato, mas não de direito.

Rosanna Brito Faneco Amorim, responsável pelo desenvolvimento comunitário do índio, explicou que são cerca de 5 mil indígenas das diversas tribos de MG: Machacali, Krenak, Pataxé e Xacriabá. Suas reservas estão nos municípios de Betim, Leopoldina, Curvelo e Itabaci.

A FUNAI aplica a metodologia de ensino por meio de aulas práticas, com o uso de materiais e recursos locais, como a utilização das tradições linguísticas, folclore e de costumes e que diferentemente se misturam a cultura do branco. O idioma Machacali não tem forma escrita, foi preservado em sua forma oral e continua sendo a língua mais falada ainda hoje nas aldeias.

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org